

HÁ 45 ANOS, INICIÁMOS O *GUERREXIT* E A *DITADUREXIT*

David Martelo

Alocução proferida no IASFA/Porto, por ocasião do convívio de oficiais comemorativo do 45.º aniversário do 25 de Abril

Nas palavras que aqui proferi no jantar de há um ano, recordei a Dimensão Geopolítica do 25 de Abril e aflorei o mundo de preocupações que, já então, abalavam os regimes democráticos ocidentais. Pretendi, entre outras evocações, destacar a importância histórica do 25 de Abril num contexto global, acrescentando à celebração de mais um aniversário o justo orgulho que sentimos pelo impacto internacional do acontecimento de que fomos pioneiros.

Todavia, à medida que nos afastamos dos acontecimentos de 1974 e 1975, e que o peso desse distanciamento se soma ao nosso envelhecimento e à saudade dos que entretanto partiram, não é menos verdade que os motivos de orgulho de que atrás falei permanecem elevados e, até, com justificada tendência para aumentar.

De facto, nos dias que correm, é quase impossível ficar indiferente ao espectáculo político, burlesco e algo pueril, proporcionado pelo processo de saída do Reino Unido da União Europeia, ao qual vimos designando por *Brexit*. Na pátria da mais velha democracia europeia e da afamada fleuma britânica, a demonstração de incapacidade e falta de previsão exibidas pelas forças partidárias são já um marco de incompetência e má-fé merecedor de figurar, futuramente, em todos os manuais de ciência política.

O mais difícil de compreender é a circunstância de toda esta formidável demonstração de insanidade política ocorrer num cenário onde nenhuma turbulência ou estado de emergência obrigava a decisões precipitadas, susceptíveis de erros graves, como sucede, por vezes, quando se não conseguem avaliar todas as consequências – e muito menos as consequências das consequências.

Analisar este colapso, totalmente interno e auto-infligido, permite que recuemos 45 anos e lancemos um olhar de sentido desvanecimento para a gigantesca tarefa – quando comparada com o *Brexit* – a que metemos ombros naquela madrugada de Abril, a que agora poderíamos alcunhar de *Guerrexit* e *Ditadurexit*. Sem experiência política, com o país em guerra, com a necessidade de promover a paz enquanto fervia na Metrópole a ameaça de um conflito civil, podemos hoje constatar que, enquanto no Reino Unido passaram três anos sem se alcançar uma forma de saída da União Europeia, o Povo Português e o Movimento das Forças Armadas conseguiram, em menos de dois anos, fazer a paz, acordar a independência dos territórios ultramarinos, acolher centenas de milhar de deslocados vindos desses territórios e aprovar,

democraticamente, a Constituição da República que consagrou o regime saído do Movimento dos Capitães.

Tratou-se de uma vitória plena de espinhos e sofrimentos, espécie de nova passagem do Bojador, durante a qual, como disse Fernando Pessoa, não poucas vezes tivemos que passar além da dor, para podermos, à pergunta de se valeu a pena, responder uma vez mais que tudo vale a pena se alma não é pequena.

Concluindo, se é certo que, com o passar dos anos, vão diminuindo os capitães que aqui podem estar fisicamente presentes, também é verdade que a história se vai encarregando de atestar, com crescente veemência, que a devolução da Liberdade feita ao Povo Português constituiu uma empresa de gente de alma grande e digna de eterna memória.

Viva o 25 de Abril!

Porto, IASFA, 25-04-2019